

## **Resolução sobre Conjuntura Nacional**

### **O PSOL na luta pelo Fora Bolsonaro Já!**

1. O VII Congresso Nacional do PSOL ocorre em um momento ímpar de nossa história recente e nosso partido tem pela frente enormes desafios políticos. Estamos diante da necessidade imediata de, junto com outras forças políticas populares e socialistas, impulsionarmos um amplo movimento da classe trabalhadora e de todos os explorados e oprimidos de nosso país pelo Fora Bolsonaro! Esta é uma tarefa de enorme envergadura e nosso partido pode e deve ser protagonista dessa luta.
2. O PSOL tem mantido a correta posição de buscar a unidade de ação com partidos e organizações de esquerda e dos movimentos sindical e popular pelo Fora Bolsonaro! Esta é uma luta que exige de nós a combinação de amplitude e radicalidade. Amplitude porque reconhecemos que essa deve ser uma batalha de milhões. Radicalidade porque compreendemos que é preciso defender, na esteira das mobilizações sociais, uma alternativa programática de esquerda para a crise política, social, econômica e sanitária pela qual passa o país.
3. As classes dominantes no Brasil seguem sustentando o governo Bolsonaro. Agem assim porque sua agenda de destruição dos direitos da classe trabalhadora e dos setores mais empobrecidos; de privatizações; de avanço da mineração e do agronegócio; e de captura do orçamento federal para o rentismo segue seu curso. A instabilidade política que marca o governo Bolsonaro não deve ser confundida com crise de hegemonia, esta continua forte e foi, inclusive, reforçada com as experiências do PT no governo federal.
4. O quadro brasileiro associa um neofascista no governo com uma agenda ultraliberal cuja principal marca tem sido o desmonte da Constituição de 1988 e de parte das políticas de reparação e ações afirmativas subsequentes. O golpe de 2016 foi o ponto de virada para esse processo, seguido pela aprovação da Emenda Constitucional 95 (EC 95). A EC 95 trata-se de um mecanismo poderoso de transferência de renda dos mais pobres, beneficiados pelas políticas sociais, para os mais ricos, principais detentores dos títulos da dívida pública.
5. O clã familiar Bolsonaro, sem dúvida, é neofascista, mas não necessariamente o seu governo e o regime político são. O negacionismo perante a pandemia; suas aspirações golpistas; sua ofensiva contra indígenas e quilombolas; a violência frequente contra a juventude negra e pobre; a banalização da violência contra as mulheres e a população LGBTQIA+ são sintomas mórbidos que não devem ser ignorados. A conquista de audiência de massas para um setor neofascista representa um dos grandes perigos de nossa época e a resiliência de seu núcleo de apoio duro, com 20% da população, exige enfrentamento direto e permanente. Para isso, devemos conquistar maior capilaridade

- social, o que só será possível se o PSOL e as organizações populares estiverem cada mais presentes junto às mais variadas formas de resistência existentes.
6. Apesar de ser muito barulhenta, há uma dificuldade da extrema-direita em aplicar seus declarados planos golpistas. Esta dificuldade decorre do fato de que um eventual fechamento do regime não está posto imediatamente como necessidade da burguesia no Brasil para viabilizar o conjunto das suas reformas antinacionais e antipopulares. A opção da classe dominante por uma aparente normalidade democrática é de caráter tático e está associada tanto a aspectos nacionais, quanto também a aspectos internacionais que podem trazer prejuízos para seus negócios no caso de um regime abertamente autoritário.
  7. Bolsonaro expressa posições cada vez mais autoritárias à medida que se isola, com o governo sofrendo defecções e perdendo popularidade. Sua tentativa frustrada de formação de um partido de extrema-direita e a aproximação dos partidos do “Centrão” é sinal deste enfraquecimento, tendo a velha direita fisiológica como fiadora de seu governo. É uma tática nitidamente defensiva, que visa preservar seus filhos, aliados mais próximos e bloquear o impeachment a partir do leilão a céu aberto do seu governo e da promessa de realizar os principais anseios do grande capital no Brasil.
  8. As ameaças jurídicas à Bolsonaro e sua família, envolvidos em esquemas de corrupção fartamente documentados, derrubou sua falaciosa narrativa anticorrupção. A reabilitação política de Lula é outro elemento desta crise pois apresentou um primeiro oponente eleitoral com condições de vitória sobre Bolsonaro. Contraditoriamente, a perspectiva exclusivamente eleitoral de Lula, recusando-se a convocar ou endossar para valer as manifestações contra o governo, terminam por ajudar Bolsonaro ao retirar pressão sobre sua atual posição defensiva, dando a ele um precioso tempo que pode ser usado para recuperação de parte da sua popularidade, viabilizando sua ida ao segundo turno em 2022.
  9. Nesse cenário, o acuado Bolsonaro apostou suas fichas na inflamação de seus apoiadores com um discurso golpista no 07 de setembro. Mas um golpe não se faz só com discurso e vontade. Seus objetivos não foram respaldados pelas Forças Armadas, pela grande mídia oligopolista, pela cúpula do judiciário, pela elite política e mesmo pelas frações fundamentais do grande capital no Brasil. Destaca-se aqui as movimentações da cúpula do Judiciário para conter os ímpetus autoritários de Bolsonaro. Agem no sentido de conter e “sangrar” Bolsonaro até 2022, buscando mantê-lo no “cercadinho”, esperando em paralelo que uma alternativa mais “racional” da direita apareça para superá-lo eleitoralmente.
  10. O método permanente de ameaças institucionais reflete mais os desejos de Bolsonaro do que suas condições concretas para as realizar, mas não deixam de representar perigo à medida que não são enfrentados à altura. Também não podemos descartar que parte dessa base social do bolsonarismo, cada vez mais armada, atue no sentido da desestabilização política agora e durante as eleições de 2022.
  11. Mesmo com essa conjuntura difícil há movimentações de resistência e de organização das lutas! Não só por conta dos atos pelo Fora Bolsonaro, mas a articulação do funcionalismo público, das Centrais Sindicais e Movimentos Sociais contra a PEC 32 tomaram Brasília no último período provocando inclusive o adiamento do debate e votação no plenário da

Câmara Federal. Fruto de um Seminário nacional dos(as) Servidores(as) Públicos e de uma agenda em defesa dos serviços públicos, provocaram a mobilização de parte significativa das entidades sindicais e expressaram sua força ocupando aeroportos, a Câmara Federal e as ruas do Distrito Federal. Da mesma forma que a luta contra a PL 490, conhecida como Marco Temporal mobilizou diversas etnias indígenas que ocuparam Brasília e forçaram um recuo sobre a aprovação dessa medida! A Marcha das Mulheres Indígenas encheu nossos corações de esperança e evidenciaram que não vamos parar de lutar contra as reformas, pelas nossas vidas e pelo Fora Bolsonaro!

12. Em paralelo a essa crescente dos setores combativos, temos enfrentado o abstencionismo de direções políticas ao redor do PT e da CUT (que não mobilizam suas reais capacidades contra o governo) e a desmobilização impressionista representada por posturas alarmistas que se colocaram contrárias às mobilizações da esquerda no 7 de setembro. Essas duas posições representam um grave perigo para um momento no qual somente a intensa mobilização popular pode derrotar a extrema-direita.
13. Iniciativas independentes de setores burocráticos como o movimento contra o genocídio da população negra, a luta indígena contra o marco temporal e outras frentes de mobilização pelo Fora Bolsonaro demonstram o potencial e a disposição de luta de camadas cada vez mais amplas contra os setores fascistas e ultraliberais. A busca da mais ampla unidade de ação contra a extrema direita é uma necessidade histórica. Mas sua viabilidade depende do avanço dos setores mais consequentes contra os setores burocráticos. Para isso, é preciso uma tática de mobilização contínua pela base que vá além das atuais articulações superestruturais, dominadas pela vacilação que acaba por frear a disposição de luta de amplos setores.
14. Nossa luta pelo Fora Bolsonaro ordena todas as nossas outras tarefas nas quais devemos avançar para derrotar de fato a extrema-direita no país. Além da derrota política, é preciso derrotar suas reformas antinacionais, antipopulares e antidemocráticas. Para isso, coloca-se como necessário articular as lutas do hoje, com uma Plataforma de Emergência, com um programa de transformações estruturais que combata os monopólios; o agronegócio retrógrado e moderno; o imperialismo; que democratize radicalmente a riqueza e a política no Brasil; que combata o genocídio da juventude negra; a violência contra as mulheres e os LGBTQIA+; o avanço sobre os territórios e modos de vida dos indígenas e quilombolas. Um programa com esse perfil deve conquistar corações e mentes da classe trabalhadora e todos os setores historicamente oprimidos. Deve, assim, sustentar-se nas mais amplas mobilizações populares.
15. Do ponto de vista mais imediato, o VII Congresso Nacional do PSOL aprova as seguintes tarefas táticas:

a) Fora Bolsonaro e Mourão! Impeachment já!

- b) Derrotar Bolsonaro nas ruas e nas urnas;
- c) Enfrentamento à pandemia da Covid-19 e defesa da vida, do SUS e dos trabalhadores da saúde: quebra de patentes de vacinas, vacinação e testagem em massa, já; Por um verdadeiro sistema único, universal, gratuito e estatal Sistema de Saúde, basta de subsídios para a saúde privada!
- d) Renda mínima emergencial para todos;
- e) Planos emergenciais de trabalho: construção de moradia popular e infraestrutura urbana;
- f) Investimento em educação, saúde e transporte nas cidades com geração de empregos;
- g) Defesa da auto-organização, das lutas democráticas e contra medidas repressivas;
- h) Defesa das terras indígenas e quilombolas contra a revisão das demarcações e a invasão pela mineração, pelo garimpo e pelo agronegócio;
- i) Defesa da Reforma agrária e crédito para a agricultura familiar;
- j) Combate à violência doméstica e ao feminicídio, que tem aumentado como efeito da pandemia; Apoio ao movimento negro e suas demandas!
- k) Apoio ao movimento de mulheres e da juventude! Apoio aos movimentos LGBTQIA+!
- l) Combate ao machismo, ao racismo e à LGBTfobia;
- m) Legalização do Aborto já! Por Educação sexual, aborto seguro e gratuito;
- n) Contra a repressão policial, o abuso policial e o genocídio da juventude negra;
- o) Mudança estrutural das polícias, com democratização, direito de greve e auto organização;

- p) Auto-organização e solidariedade ativa nos bairros pobres;
- q) Referendo revogatório de todas as medidas anti- povo como o “teto de gastos”, a PEC-95, e as reformas trabalhista e previdenciária;
- r) Contra as privatizações;
- s) Manutenção dos empregos e direitos: contra a Reforma Administrativa e o corte de salários dos servidores públicos e trabalhadores formais! Estabilidade no emprego!
- t) Taxação das grandes fortunas, lucros, dividendos e heranças para que os ricos paguem pela crise;
- u) Anulação das dívidas no Serasa e no SPC: Anistia das dívidas para milhões de famílias trabalhadores endividadas;
- v) Não ao pagamento da dívida externa, auditoria e suspensão dos pagamentos da dívida pública aos grandes capitalistas e especuladores;
- w) Estatização e controle público sobre o sistema financeiro; Controle de capitais e das remessas de lucros e dividendos;